



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA

MARCAS E OLHARES À COMUNIDADE SURDA

Camila Bagio

Lajeado, junho de 2018

Camila Bagio

MARCAS E OLHARES À COMUNIDADE SURDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina Trabalho de Curso II - 2018/A, do curso de Pedagogia, da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Me. Tânia Micheline Miorando

Lajeado, junho de 2018

AGRADECIMENTOS

Estou chegando ao final de uma longa caminhada de estudos que eu mesma escolhi. As lembranças fazem parte deste momento, pois depus nestes últimos anos muitos dias, noites, feriados e finais de semana de intenso estudo. Muitas programações foram suspensas, noites mal dormidas, estágios desafiadores e muitos choros quando parecia não ter solução. Mas, todos esses obstáculos me encorajaram para seguir em frente e continuar este sonho.

Agradeço a Deus, por ter me iluminado durante todas minhas escolhas, me colocando à frente de muitas oportunidades de valor para mim. Te agradeço, meu Senhor, por todas orações aceitas, por me ouvir em momentos de angústia e desespero.

Tenho imensa gratidão aos meus queridos pais, Avelino Bagio e Helena Hollmann Bagio, por terem confiado em mim, nas minhas escolhas, por me incentivarem e por nunca desistirem de mim. Sempre que precisei compartilhar meus medos, insegurança e frustrações estavam ao meu lado, com palavras amorosas me reerguendo. Por isso, afirmo que não seria tão especial e lindo esse momento se não estivesse ao lado de vocês. Os 'empurrões' de ânimo, de força de vocês foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Obrigada! Vocês são meu porto seguro, meu maior tesouro.

Estou muito feliz por poder compartilhar esses momentos de estudo com meu namorado Faber Marquette, que muitas vezes entendeu minha ausência, meus

desabafos e impaciências. Obrigada pelas palavras de apoio e de amor de todos os dias.

Reconheço todos os carinhos que me dá diariamente, meu irmão Pedro Henrique Bagio. Certamente teus gestos serviram de apoio para que tornasse meus sonhos em realidade. És meu pedaço de ouro, te amo. E, a você minha avó Renita Hollmann, também tenho que reconhecer pelas vezes que afirmava dizendo “Mila, continua estudando, assim você conseguirá o que quer”! Por vezes essa frase soava dentro de mim com muita resistência. Obrigada, Vó!

Durante essa caminhada acadêmica muitos mestres fizeram parte das minhas noites de estudo, fizeram dos meus semestres os mais desafiadores, por isso agradeço pela dedicação e conhecimentos que ofereceram a mim. Estes, foram importantes para mim. Gostaria de agradecer carinhosamente a minha amada professora e orientadora Tânia Micheline Miorando, que foi fundamental para que toda essa pesquisa se tornar realidade. Agradeço por me compreender quando me sentia ‘perdida’ nas escritas, por me auxiliar, me ensinar, por toda paciência transmitida e por confiar em mim e seguir comigo essa caminhada.

Muito feliz estou por terem me proporcionado momentos, práticas e espaços para as observações junto da comunidade surda que foi suporte para essa pesquisa. A Pedagoga Rosane Krüger, que me ofereceu diferentes oportunidades importantes para meu trabalho, admiro seu trabalho, dedicação e empenho com a comunidade surda. Obrigada a todos os surdos que participaram das minhas práticas, que me auxiliaram na comunicação. Gratidão imensa por vocês!

A vida acadêmica nos presenteia com colegas. Muitos deles passam despercebidos por nós, mas existem aqueles que deixam marcas e fazem da nossa vida uma sintonia de energia positiva. Desde o primeiro semestre compartilho momentos ótimos e outros nem tanto, na qual estivemos juntas para nos apoiar e seguirmos em frente. Obrigada Suelen dos Passos, Pauline Dahmer e Jéssica Patrícia Ribeiro! Aprendemos muito juntas, vivenciamos experiências significativas e que levaremos conosco.

Aos meus amigos, colegas de trabalho, agradeço pelo companheirismo e pela preocupação comigo.

Agradeço a todos citados acima, por fazerem parte da minha vida e por entenderem minha ausência durante todo esse tempo.

“Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo. ”

Terje Basílier (Psiquiatra Norueguês, 1993)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender a atuação do pedagogo na comunidade surda, considerada um espaço não escolar. O pedagogo é importante em diferentes práticas, escolares e não escolares, por ter presente a diversidade que o contexto sócio-cultural apresenta na escola e fora dela. Vivemos um tempo importante para pensar nas práticas educativas do pedagogo. Este trabalho incorpora estudos que veem o surdo como estrangeiro em uma país de mesma nacionalização e comunica-se em uma língua diferente daquela utilizada majoritariamente. Daí decorre uma formação educacional, cultural e política que precisa de um olhar especial. A visão de que o pedagogo deve estar somente dentro de escolas é transformada com esses novos espaços de atuação na sociedade. A metodologia se caracteriza pela pesquisa qualitativa, com inspiração na história e narrativa de vida, compondo-se de memórias. Em todo momento cuidou-se em ter um olhar sensível diante de observações, diário de campo e um olhar atento às fotografias realizadas em Práticas Pedagógicas em Espaços não Escolares. Destes instrumentos se buscou a geração dos dados. A pesquisa contemplou três eixos: a) Os espaços que os surdos frequentam; b) O pedagogo no espaço não escolar da comunidade surda; e, c) Atividades realizadas com a comunidade surda. O resultado deste estudo foi: a) O espaço que os surdos frequentam para práticas pedagógicas, reuniões, atendimentos e demais atividades se dá na associação de surdos, instalada em um prédio próprio para estas atividades. Este é mais um dos espaços que os surdos frequentam dentre outros espaços para encontros, descontração, bate-papo, interação; b) O pedagogo está inserido na comunidade surda como um profissional importante, auxiliando-os nas práticas pedagógicas que podem ser desenvolvidas com o grupo ou individualmente. Ele trabalha no sentido de amparar os surdos ao ensinar e estudar a Língua Brasileira de Sinais (Libras), sendo a primeira língua da comunidade onde trabalha. O pedagogo também organiza o planejamento, as reuniões e os atendimentos com surdos e familiares; c) As atividades realizadas com os surdos vão desde a formação linguística, complementando-se com atividades que proporcionam conhecimentos e aprendizagens para a construção de sua cidadania. Em seguida, com todas as observações feitas, práticas realizadas com os surdos, os relatos no diário de campo, as memórias escritas e as fotografias arquivadas, partiu-se para visualizar os resultados na busca de esmiuçar o olhar diante das práticas pedagógicas na comunidade surda. Em um comparativo com as escolas, percebe-se que ainda encontramos profissionais despreparados, professores sem conhecimento da língua de sinais, o que prejudica o ensino para os surdos nas escolas regulares. Por isso, a formação do pedagogo deve olhar também para os espaços não escolares e ampliar o cuidado a todos que participam e fazem parte desses espaços importantes.

Palavras-chave: Espaços não escolares. Comunidade surda. Práticas pedagógicas. Pedagogo.

SUMÁRIO

1 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: A HITÓRIA DE COMO CHEGUEI ATÉ AQUI	8
1.1 Narrativas de uma Educação Inclusiva	12
1.2 Percorrendo os caminhos da Pesquisa.....	13
2 OS ESPAÇOS QUE OS SURDOS FREQUENTAM	18
3 O PEDAGOGO NA COMUNIDADE SURDA: UM ESPAÇO NÃO ESCOLAR.....	24
4 ATIVIDADES REALIZADAS COM A COMUNIDADE SURDA	31
5 MARCAS E OLHARES À COMUNIDADE SURDA: HORIZONTES QUE APLIARAM	35
REFERÊNCIAS.....	39

1 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: A HISTÓRIA DE COMO CHEGUEI ATÉ AQUI

Minha infância foi como de muita gente que mora em uma cidade do interior: cheia de aventuras, das mais diversas brincadeiras na terra, na areia e na maravalha. Muitas dessas brincadeiras se resumiam em tombos, cortes e muitos pontos para me remendar. Sempre muito ativa, corria para cá e para lá. Lembranças boas essas minhas. Pensando na minha infância, posso imaginar que fui uma criança feliz. Recordo que para aquela felicidade eu não precisava de muito, pois a encontrava nos pequenos gestos, nos abraços apertados, nos sorrisos mais sinceros e colos aconchegantes. Sem esquecer, que sempre estive rodeada de muito amor e carinho da minha família.

Relembrando as minhas brincadeiras, notei que geralmente optava por ser a professora da história e das brincadeiras. Nas diferentes situações da minha imaginação eu era a professora que estava no mercado, na loja, no banco, conversando com pessoas ou com os pais dos meus alunos imaginários. Ainda muito fresco em minha memória, lembro que num canto da nossa casa, meus pais construíram uma 'sala de aula' para mim. Na década de 90, do século recém findado, era difícil encontrar na minha cidade aquelas caixas de giz colorido, mas minha mãe dava um jeito para encontrar. Um quadro negro na parede, apagador, os diferentes gizes coloridos e minhas bonecas, faziam daquele espaço o melhor lugar para brincar e explorar. Este gosto por ser professora na minha vida aumentou quando passei a frequentar a escola.

Com o passar do tempo, aproximadamente quando tinha os meus 10 anos de idade, passei a demonstrar uma grande vontade de estar perto e de me comunicar com pessoas em cadeiras de rodas, pessoas cegas e pessoas surdas. Parecia visível perceber que sentiam-se um tanto constrangidas com suas limitações e acreditei que deveria ir até elas. Me tornei mais atenta àqueles olhares e gestos.

À medida que o tempo passava, já na minha adolescência, eu comecei a trabalhar. Quando eu estudava à tarde, trabalhava pela manhã. Por alguns anos trabalhei em casa de família, cuidava de crianças e dos demais afazeres da casa. Durante o Ensino Médio, pelo meu bom comportamento e desenvolvimento nas disciplinas, a escola me ofereceu um curso gratuito sobre 'Sistemas de Informação'. No primeiro ano de curso recebi a oportunidade de trabalhar numa escola como monitora de informática para Séries Iniciais e Finais, do Ensino Fundamental. Nesta etapa, encontrei diferentes realidades que me faziam pensar a opção de curso: Pedagogia ou Psicologia? Muitas vezes me peguei pensando no que poderia ser melhor para mim.

A Pedagogia em todo tempo de formação no curso me fazia pensar no melhor lado como profissão: a de ser professora. E, geralmente me imaginava trabalhando com crianças ou adultos realizando diferentes práticas. Por vezes, o professor é reconhecido como um dos mais dignos e importantes.

Logo que concluí o Ensino Médio, resolvi fazer a matrícula no curso de Pedagogia. Fui, então, transferida para trabalhar na secretaria da mesma escola na qual eu já era monitora. Novos desafios passaram a fazer parte do meu dia a dia. O contato com as crianças diminuiu, mas as novas aprendizagens foram significativas para mim. As primeiras disciplinas que cursei foram de teorias, no qual os estudos eram mais dirigidos aos pensamentos de alguns autores sobre e para a criança, a infância e a escola.

As dúvidas fazem parte para que desconfiemos da nossa vontade. Será que a minha esta escolha profissional foi a correta? Por muitas noites pensava nessa decisão. Então, as rematrículas incluíam as disciplinas práticas, estudos sobre os espaços escolares e não escolares e a disciplina de Língua de Sinais Brasileira. Todas elas possibilitaram-me realizar oficinas em grupos, como também fazer

observações das diferentes atividades em espaços não escolares, que tiveram grande responsabilidade quanto à minha vontade de estar junto com a comunidade surda. Passei a acreditar mais na minha alternativa.

Quase na metade do curso, com a disciplina de Libras (Língua Brasileira de Sinais), aprendemos a base da língua que os surdos brasileiros utilizam para se comunicar. Para aperfeiçoar-me, procurei um curso de Libras oferecido por uma associação de surdos, fora da Universidade. Durante o curso, passei a ter contato com a comunidade surda, que visa o reconhecimento dos surdos. Lá, os surdos, a diretoria e os profissionais atuantes junto à associação, procuram inserir a todos que necessitam de apoio psicológico e de acessibilidade linguística. Nesse espaço, atendem as famílias que necessitam de auxílio quanto à língua de sinais para a melhor comunicação e acessibilidade nos espaços sociais que frequentam. Ao terminar o curso de Libras, passei a acreditar e pensar em trabalhar com os surdos, pois me sinto à vontade e também realizada ao participar das atividades, dos diálogos e demais atividades.

Durante a disciplina de Prática Pedagógica nos Espaços Não Escolares, acompanhei os surdos, observando-os em atividades semanais, práticas com a pedagoga da associação e encontros em uma das praças públicas da cidade da sede da associação de surdos, a que eu estava a cada dia mais próxima. Admito ter me sentido desafiada a todo instante, pois ainda não me sentia segura diante da Língua de Sinais, que além de gestos é preciso cuidar com as feições que são feitas de acordo com o que a pessoa está querendo dizer. Ou seja, quando querem comentar sobre algo que é bom, certamente a fisionomia de seu rosto será alegre e caso for algo ruim, a aparência também mostrará em suas expressões.

Então, para entender a Língua de Sinais, nada melhor que estar presente na comunidade surda, observá-los e se empenhar para a comunicação. Assim sendo, para mim, os sinais passaram a ser melhor percebidos, entendidos e as atividades da disciplina de Prática Pedagógica em Espaços Não Escolares se tornaram cada vez mais prazerosas. Os encontros deixaram marcas: de motivação, de interesse. Meu foco e vontade continua sendo de me inserir à comunidade surda.

Acredito ter me tornando um ser humano melhor diante desses espaços. Também passei a acreditar mais no meu potencial como pedagoga. Acreditar que eu poderia estar perto dos surdos. E, este meu olhar inclusivo, em relação aos surdos, vem se construindo diante das vivências, me colocando no lugar do outro, pois só assim é possível entender, conhecer suas realidades e seus sentimentos. Quanto mais eu conhecia a comunidade surda, melhor era a percepção sobre os conceitos que aprendia em relação aos surdos e sua comunidade.

Atualmente, a área da Pedagogia se abre para diferentes funções profissionais, que não é o de somente dar aulas em uma escola, mas ocupar outras funções, seja nos espaços escolares ou nos não escolares. Esta rica função que a Pedagogia atribui a seus profissionais lança muitos desafios nos diferentes espaços da sociedade. Ainda assim, a Educação, muitas vezes, é percebida somente dentro do âmbito escolar, em salas com classes enfileiradas, um quadro, uma professora que amplia conhecimentos, difunde conteúdos, e estudantes que devem reproduzir o que aprenderam, respondendo questões, provas e trabalhos que são avaliados pelo professor.

É preciso lembrar dos espaços não escolares como diferentes ambientes também possíveis e importantes na atuação de profissionais da Pedagogia e de grande importância para a sociedade que os frequenta. São espaços conhecidos como associações e/ou organizações não-governamentais (ONGs). Estes diferentes espaços abrem-se a funções que o pedagogo pode ter nos espaços não escolares.

A oportunidade de conhecer mais de perto a função possível a pedagogos e pedagogas em espaços fora da escola me auxiliou a entender que, muitas vezes, entramos na academia com o pensamento fechado quanto ao campo de trabalho profissional, uma vez graduados. E, somente com o passar do tempo, compreendemos que após a formatura se poderá atuar além das salas de aula, da escola. Neste caso, o curso de Pedagogia, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, proporciona diferentes espaços para se estagiar, mostrando como se pode estar presente e atuar em experiências ainda durante o curso de formação para a docência.

Os estudos no curso de Pedagogia deixaram visível que houve um grande avanço nos espaços de atuação, tornando-se um forte contribuinte nas aprendizagens e na construção dos conhecimentos. Assim, saliento que o curso de Pedagogia forma profissionais que atuam em diferentes espaços, seja qual for seu público, indiferente das necessidades, como afirma Libâneo (2001).

1.1 Narrativas de uma Educação Inclusiva

Minha motivação para desenvolver esta pesquisa e estudo, surge diante de algumas disciplinas, conhecidas como: Língua Brasileira de Sinais, Prática Pedagógica em Espaços Não Escolares e Prática Investigativa, cursadas na graduação de Pedagogia. Estas disciplinas abordaram assuntos sobre os diferentes espaços não escolares que o pedagogo pode atuar. Ainda, realizei um curso de Libras, fora da universidade, que proporcionou me aproximar da comunidade surda. Desde então, me senti inspirada a refletir sobre os espaços não escolares na atuação do professor¹. Dentre eles, em especial, na comunidade surda.

Atualmente, trabalho com crianças de 4 e 5 anos de idade, na Educação Infantil, mas desde que conheci os espaços não escolares, acredito na possibilidade de eu vir a atuar com os surdos. Na cidade onde resido não encontro comunidades e associações de surdos, por isso, muitas vezes, me sinto longe dessa realidade e desses espaços. Mas, minha curiosidade trouxe diferentes inquietações diante da atuação do pedagogo com os surdos, sendo esse o presente tema do meu estudo.

O objetivo geral que trago para esta investigação é analisar a atuação do pedagogo nos espaços não escolares da comunidade surda. Trago ainda, como objetivos específicos, investigar os espaços não escolares que os surdos frequentam para a sua formação ou lazer e, conhecer as atividades que são realizadas com a comunidade surda.

Contemporaneamente, o pedagogo pode atuar nas comunidades e nos espaços não escolares, acompanhando as diferentes atividades e oficinas que os usuários que participam nestes espaços vêm buscar. É o pedagogo aquele que proporciona, no meio em que vive, diferentes práticas, planejando atividades que auxiliam para o desenvolvimento do indivíduo. Aponta Libâneo (2001) que o

¹ Sempre que for citado sobre a função dos professores ou pedagogos, se tomará no masculino.

pedagogo pode estar inserido em diferentes práticas educativas, sendo elas as Organizações não governamentais (ONG's) ou não, desde que busquem trabalhar a formação do ser humano.

Diante disso, busco compreender e conhecer de que forma o pedagogo está inserido na comunidade surda, quais as formas de planejamento, bem como a elaboração de suas práticas com o público e os cuidados a serem tomados. É visível que o pedagogo teve um grande avanço nos espaços de atuação, tornando-se um forte contribuinte nas aprendizagens e na formação de pessoas responsáveis.

1.2 Percorrendo os caminhos da Pesquisa

Este estudo foi realizado com base na pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa é um processo naturalista, pois ela é um estudo do que irá acontecer naturalmente (TRIVIÑOS, 1987). Esta pesquisa destaca informações sobre atitudes e ações das pessoas, o espaço em que vivem, as experiências diárias e interações com o grupo em que estão inseridos, como ressaltam Moreira e Rosa (2016).

A respeito da pesquisa qualitativa, compreende-se que ela envolve diversas considerações diante do conhecimento, dos métodos para investigação e diferentes estratégias para investigar os dados, (CRESWELL, 2007). Geralmente, na pesquisa qualitativa, as técnicas e observações são motivadas dos procedimentos, que certamente não são iguais, como afirma Creswell (2007).

Durante uma pesquisa, observamos situações, práticas e ações cotidianas em um determinado espaço, que, diante das análises, teremos sempre resultados diferentes um do outro, pois dificilmente encontraremos conclusões idênticas. Ainda de acordo com Creswell (2007, p.188), “ [...] a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com o investigador, geralmente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes”.

A realização da pesquisa envolve momentos de observação, que não são somente olhar determinado público, mas perceber os detalhes em conjunto do espaço e das pessoas. O olhar é sensível (BARBIER, 2007), é cuidadoso, receptivo para a observação. Para tal finalidade, é importante o uso de ferramentas

auxiliadoras, como o diário de campo, utilizado para fazer anotações sobre as posições, observações, reflexões e dúvidas diante daquilo que estamos observando.

Ao realizar esse movimento de anotações no diário de campo, potencializamos nossos pensamentos, nossas observações. No entanto, durante as observações fizemos anotações de tudo o que nos chama a atenção, de tudo o que o responsável pelo espaço está fazendo e falando. Durante nossa escrita relembramos os itens para descrever e com as anotações não deixamos nada se perder. De acordo com Minayo (2014), no diário de campo temos todas as informações, que muitas vezes não está elencado numa determinada entrevista, ou então, os comportamentos, expressões, gestos, falas, usos, costumes, que fazem parte da pesquisa.

Para atingir os objetivos e o pensar sobre o problema de pesquisa, observei como espaço não escolar, a comunidade surda de um município do Vale do Taquari-RS. Nesse caso, eu saí do ambiente acadêmico e participei das práticas que a comunidade surda realizou. Desse modo, para suceder esta pesquisa foi indispensável a leitura e estudo de livros, revistas virtuais e artigos acadêmicos. A leitura é o meio em que amplia nossos conhecimentos e aprendizagens, tal como a compreensão da escrita é facilitada ao desenvolver determinado assunto.

Para enriquecer minha pesquisa, escrevi sobre a minha vontade de estar inserida na comunidade surda, minha história de vida, diante das marcas e olhares à comunidade surda. Considerando que os relatos, as histórias de vida, vão caminhando ao encontro do pensamento, as expectativas da pessoa diante de determinado assunto, se mostra do interesse do autor. Quando optamos em relatar nossa história de vida, automaticamente coletamos os dados e os registramos, já com a imaginação do que convivemos, relembrando momentos vividos que foram marcantes, como salienta Moreira (2002).

O procedimento da descrição das minhas marcas, registro da minha história, é conhecida como ‘pesquisa narrativa’. Conforme Aragão (2008, p. 298), é uma forma de pesquisa que ajuda no “desenvolvimento da prática e a responsabilidade neste processo contínuo, evidenciando o valor da reflexão como elemento transformador de experiências de ensino e de aprendizagem”. A pesquisa narrativa

propõe ao pesquisador espaços de aprendizagens e experiências de ensino diante da ação que é desenvolvida nesse espaço. Para Aragão (2008), o pesquisador vai a fundo nas histórias, nas ações dos participantes, e no mesmo instante, mergulha na sua história de vida, fazendo com que tenha conexões, ligações entre ambas as histórias, imaginações e experiências que foram notadas.

A pesquisa narrativa auxilia a compreender os conhecimentos, saberes, as vidas narradas. Destaco Mariani e Mattos (2012), que afirmam que a pesquisa narrativa são todas as experiências, as histórias. Acreditam esses autores que a “[...] vida é educação e os educadores estão interessados em vidas” (MARIANI; MATTOS, 2012, p. 663), vidas que podem ser narradas, expressadas diante da escrita. De acordo com Paiva (2008), quem está narrando está relatando livremente suas memórias e emoções. Na pesquisa narrativa, envolvemos sentimentos, olhares sensíveis que nos tocam, deixando marcas.

Para melhor desenvolver minhas práticas e vivência utilizei meu diário de campo, realizado no estágio de Práticas Pedagógicas em Espaços não Escolares, ocorridas no segundo semestre de 2017. Neste diário, tive os cuidados listados acima para a descrição das minhas observações durante as práticas, que foram realizadas numa associação de surdos da região do Vale do Taquari/RS. Com o material recolhido obtive muitas informações e memórias, por isso, não foi preciso voltar a esse espaço para realizar mais observações.

Para reavivar minhas memórias, utilizei fotografias, que foram registros durante as práticas. Não vou usá-las publicamente, pela falta de consentimento do uso de imagem dos surdos. Segundo Medina Filho (2013, p. 264), não é possível somente ter o pensamento verbal, sem nenhuma fotografia ou imagem. Pois, existe uma ligação e uma comunicação forte entre esses dois meios “imagético e o verbal”. Ambos são inseparáveis no pensamento e na comunicação.

Outro material importante foi o resumo expandido produzido no estágio de Prática Pedagógica em Espaços Não Escolares, desempenhado em dupla. Nesse trabalho, menciono sobre as práticas pedagógicas realizadas com o grupo dos surdos, nossas percepções, sensações, como também as atividades que foram propostas. Como este estágio foi em dupla, trocamos ideias e dividimos muitas

dúvidas - esse movimento também me possibilitou ter um olhar diferente para fazer os registros no meu diário de campo.

Nesta pesquisa não realizei questionários e entrevistas, pois meu objetivo foi pensar e analisar as minhas marcas e olhares perante a comunidade surda. Realizei práticas pedagógicas com os surdos, por isso tive momentos de experiências, de aprendizado e de observações. Ambas as experiências me deixaram marcas e, aqui neste estudo, aponto-as, procurando sempre ter um olhar sensível. Realizei juntamente com o amparo em discussões dos autores, que são importantes para o embasamento teórico da pesquisa.

Para que se tornem mais compreensíveis as ideias que desenvolvo neste trabalho, apresento brevemente a estrutura do estudo. No primeiro capítulo há um diálogo com a introdução na qual teço minhas marcas da infância e apresento minha pesquisa diante do tema, problema, objetivos e justificativa. Neste mesmo espaço, apresentei a metodologia de pesquisa que eu utilizei, mostrando a trajetória que cumpri durante os estudos.

O segundo capítulo ficou intitulado “Os espaços que os surdos frequentam”. Argumento sobre os diferentes espaços não escolares onde os surdos realizam atividades, reuniões, aprendizagens e diferentes ações junto com seu grupo. Muitas vezes acreditamos que os espaços estão somente em associações e comunidades próprias para eles, mas deixamos de pensar em outras possibilidades e nos surpreendemos quando estamos no meio dos surdos e percebemos o quanto buscam diferentes espaços.

No terceiro capítulo está a discussão nomeada como: “O pedagogo na comunidade surda: um espaço não escolar”. O capítulo apresenta as diferentes ações e práticas do pedagogo diante da comunidade surda, para o desenvolvimento de aprendizagem, integração e socialização entre eles, como também com a sociedade. O pedagogo por muitos anos foi visto como um mestre para dentro das salas de aula. Mas, com o passar dos anos, esse processo foi se transformando, fazendo com que ele pudesse estar presente, atuando, planejando e proporcionando conhecimentos nos diferentes espaços não escolares, fazendo deste um papel importante para a sociedade.

O quarto capítulo aborda as “Atividades realizadas com a comunidade surda”. Junto dessas práticas comento de que forma o pedagogo desenvolve as propostas para os surdos. As observações e a participação foram meios importantes para que eu pudesse perceber de que forma são realizadas as atividades, os cuidados que devemos tomar diante das limitações práticas e de acessibilidade.

E o último, e quinto capítulo, contempla minhas considerações finais, denominado como “Marcas e olhares à comunidade surda: Horizontes que se ampliaram”, à frente de toda a pesquisa realizada a partir da comunidade surda. Este é um espaço não escolar, cujas práticas pedagógicas realizadas pelo pedagogo foram importantes para minha observação e análise diante de olhares sensíveis na realização das minhas práticas nessa instituição.

Esta pesquisa abre seus estudos para os olhares e a atuação do pedagogo em espaços não escolares, especificamente na atuação em uma associação de surdos. Independente do lugar que estivermos trabalhando, proporcionar diferentes aprendizagens com o grupo com quem estejamos, sendo eles surdos, cegos, cadeirantes ou idosos, o importante é promover e oportunizar aprendizagens, conhecimentos e ações que auxiliem no crescimento e reconhecimento dos participantes que escolheram fazer parte do trabalho desenvolvido em espaços não escolares.

É importante ampliarmos nossos olhares para fora dos muros escolares. Por isso, este estudo faz convite a conhecer mais uma oportunidade de trabalho com grupos que oferecem espaço para atendimentos pedagógicos. A minha pesquisa está relacionada com essas práticas e ações que possibilitam ao pedagogo inserir-se nos espaços não escolares. Na leitura desta investigação será possível percorrer pelas narrativas e vislumbrar o trabalho que desenvolvi durante um ano, diante de observações, marcas e olhares à comunidade surda.

2 OS ESPAÇOS QUE OS SURDOS FREQUENTAM

Este capítulo apresenta os diferentes espaços que os surdos usufruem e eu participei, me envolvendo nas atividades com eles. Primeiramente, menciono a estrutura da associação, situada no Vale do Taquari/RS, no qual eles têm salas próprias. Além dos profissionais que ali trabalham, os surdos dividem o local com pessoas cadeirantes e cegas, que também se encontram em uma associação. Coloco meus apontamentos sobre o prédio e suas repartições, proporcionadas aos surdos. Além disso, comento sobre os outros lugares que os surdos frequentam, fora desse prédio utilizado pela associação.

Conhecendo o prédio utilizado pelos surdos, encontro ambientes atraentes e amplos, sendo esses aspectos importantes para todas as associações que ali também se encontram. Essas instituições visam pela melhor acessibilidade às práticas que são realizadas com o grupo em determinados horários. Olhando sensivelmente, noto que em alguns pontos da associação existem ‘campainhas’, que são diferentes das nossas, mas a intenção é a mesma. As campainhas da comunidade surda são lâmpadas - o que chamou muita a minha atenção, pois não conhecia esta possibilidade! Como os surdos não ouvem, sua interessante condição é a visão, que se torna um fator significativo para sua mobilidade e desenvoltura. Quando alguém aperta a campainha no portão, a lâmpada acende. A ideia é elogiável, pois torna-os independente para atender à porta quando são chamados.

Os espaços não escolares (GOHN, 2006) estão muito presentes na sociedade, abrindo as portas para o público, independente da idade e etnia. Estes espaços visam proporcionar aos seus usuários oficinas, atividades, proporcionando

a eles momentos de aprendizagem, conhecimentos, como também desconcentração. Esses espaços são 'pontes' para a inclusão social.

A associação dos surdos é considerada um espaço não escolar. Isto pois não está propriamente organizada com salas, classes enfileiradas, quadros negros com conteúdo e atividades restritas às grades curriculares. A educação não escolar vai além dos conteúdos: ela desenvolve atividades, práticas e ações que possibilitam o aprendizado e ao mesmo tempo descontração. São momentos nos quais os surdos podem se posicionar, manifestando sua opinião, a vontade que o grupo tem ou as dificuldades que apresentam. Dessa maneira, compreende-se que a educação não escolar está disponível para realizar oficinas, práticas e ações que podem ser proporcionadas num determinado espaço, que não seja o escolar. Para que tudo aconteça adequadamente, as práticas são elaboradas, estudadas para então serem promovidas em diferentes espaços, fora do âmbito escolar. Este planejamento é realizado com o pedagogo, profissionais da Saúde e da Assistência Social, pois os espaços não escolares proporcionam conhecimentos e também possibilitam aprendizagens.

A educação não escolar é um locus de inserção de educadores leigos e/ou de estagiários de cursos de Licenciaturas e de professores que têm realizado sua formação centrada no processo de aprendizagem escolar e que se veem frente aos desafios de uma área complexa e contraditória que exige conhecimentos pertinentes e a apropriação de conceitos que extrapolam ou evidenciam as falhas da formação acadêmica oferecida. (ZUCCHETTI; MOURA, 2003, p.6)

No entanto, os profissionais são essenciais para o bom trabalho nos espaços não escolares, inseridos em diferentes segmentos como: as Organizações não Governamentais (ONGs), asilos, casas de repouso, orfanatos, associações de surdos, cegos, cadeirantes, entre outras opções que se descortinam a cada movimento em que os pedagogos abrem seus espaços para a sua atuação. São nesses espaços que a educação dá um novo sentido, passa a se reinventar.

A associação de surdos tem parceria com a prefeitura do município. Os usuários são aqueles que frequentam a associação. Este nome é dado desde o momento que a associação contratou uma equipe técnica a fim de adequar-se ao SUAS (Sistema Único de Assistência Social) e passou a receber uma subvenção financeira e materiais para os atendimentos e serviços prestados. Assim, os surdos

passaram a ser os usuários dos serviços prestados pela instituição. De acordo com o SUAS, usuários são aqueles que necessitam de algum trabalho que o sistema oferece como: cuidados restritos, quando estão em situação de vulnerabilidade ou que correm algum risco (BRASIL, 2017).

A associação de surdos a qual me refiro, tem sua sede em um prédio de alvenaria, amplo, e em suas dependências encontramos cozinha, banheiros femininos e masculinos, salão de festas e salas de atendimento. Na associação, o prédio utilizado tem disponibilizado o uso da cozinha, uma sala central ampla onde encontramos mesas, cadeiras, os banheiros de acesso aos surdos, cegos, cadeirantes e profissionais que ali frequentam. A secretaria fica numa sala para fins administrativos, próxima da sala que realizam atividades mais dirigidas com os usuários. Há uma sala onde se fazem atendimentos individuais com os profissionais que ali atuam e um pátio que propõe espaços para recreação.

Em uma conversa com o pedagogo, funcionário da associação, fui informada que esta entidade tem vínculo com a prefeitura, e, por sua vez, com o Sistema de Assistência Social do governo federal, que auxilia financeiramente, todos os meses, para o pagamento dos funcionários que ali trabalham, e aquisição dos materiais utilizados na administração e para os projetos com os usuários. A associação tem um Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), para reconhecimento de compra e recebimento de mercadorias, bem como para a prestação de contas da subvenção mensal.

Em uma manhã, realizei uma prática pedagógica com os surdos que frequentavam a associação e optei por utilizar o espaço da sala central, pois estava adequada para a tarefa. Os surdos ficavam de olho em mim, me observando, para melhor me entender, mesmo que a Língua de Sinais por nós falada ainda estava mostrando o quanto éramos iniciantes no aprendizado desta língua.

Naquela prática foi necessário envolver o manuseio de diferentes materiais. Não havia me dado conta que essa prática poderia ser uma tarefa desafiadora, pois para mim, que sou ouvinte, não percebi que a comunicação e a atividade poderiam ser conflitantes até certo aspecto. Pensei como ouvinte e não sob a perspectiva da língua de sinais e da cultura dos surdos. Quando mexiam no material e queriam

avisar algo ou mostrar para o colega, colocavam de lado os materiais e sinalizavam. Compreendi com isto que estas tarefas com manuseio de material para os surdos, requer mais tempo.

Sabe-se que a comunicação dos surdos se dá pela língua de sinais ou como é conhecida no Brasil, por Libras: língua que fala e se comunica com as mãos. Para o bom entendimento da língua é essencial a expressão facial enquanto está se fazendo os sinais para os surdos. Essa língua é natural e normal para a comunidade surda. A Libras é a primeira e principal língua dos surdos brasileiros. Mas o reconhecimento da língua de sinais é recente.

No nosso país, Brasil, a oficialização da língua foi no ano de 2002, de acordo com Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. O capítulo IV - que ressalta sobre o “Atendimento Educacional aos alunos Surdos”, abrange o “Art. 14: Os sistemas de ensino poderão organizar classes de educação bilíngue, em que a LIBRAS seja a língua de instrução e a Língua Portuguesa seja utilizada no desenvolvimento de todo o processo educativo” (BRASIL, 2002).

A legislação nos auxilia compreender que a educação bilíngue tem uma concepção importante para a educação dos surdos, pois a Libras é essencial para que tenham comunicação. Pensando assim, conseqüentemente, o português se torna a segunda língua dos surdos brasileiros. Geralmente existe uma diferença entre a escrita e a sua expressão na língua de sinais, pois os surdos quando fazem a escrita, reproduzem de acordo com seus sinais sua forma de pensar. Portanto, o entendimento da língua de sinais para o pedagogo e seus colegas pode ser essencial para compreender a escrita do surdo perante seu texto.

Sua escrita é semelhante à escrita de estrangeiros aprendendo a língua portuguesa e, portanto, o domínio da leitura e da escrita está intimamente relacionado com as práticas de leitura e escrita que a escola e o ambiente linguístico oferecem. Em segundo lugar, devemos considerar a importância do conhecimento da língua de sinais, por parte do surdo e do professor, para o desenvolvimento de estudos comparativos entre a língua de sinais e a língua portuguesa, estabelecendo relações e diferenciações entre esses dois sistemas linguísticos. Em terceiro lugar, é relevante considerar a metodologia de ensino de língua portuguesa [...]. (KARNOPP, 2004, p.107)

Esta citação me faz lembrar de um dos primeiros encontros com os surdos que aconteceu no mês de setembro. Lá realizei uma observação e fui até um parque do município para que eles pudessem descontraír, bater-papo e aproveitar a tarde com seus colegas e amigos. Nesse encontro, estava constrangida por não ter fluência na língua de sinais. Mesmo que era um dos primeiros encontros depois de anos, os olhares ficavam atentos aos nossos lábios, esperando por perguntas e respostas. O pedagogo que acompanhava o grupo estava sempre disposto a me auxiliar e interpretava o que os surdos estavam comentando. Logo comecei a arriscar, fiz alguns sinais. Com o pouco que sabia, coloquei em prática um diálogo que me aproximou deles. Quando não lembrava de um determinado sinal, soletrava, já que o alfabeto estava claro para mim. Aos poucos a comunicação foi fluindo.

A partir desse encontro concretizei a possibilidade dos surdos estarem livres para frequentar outros espaços fora do prédio, como: parques, festas, restaurantes, viagens, hotéis, mercados, lojas. Naquele parque, percebi o quanto o público ouvinte observava e olhava para as pessoas surdas. Talvez se comportavam assim porque os viam como pessoas como todos os outros. Os surdos foram respeitados no espaço que escolheram para confraternizar. Por vezes, me sentia deslocada, por não estar entendendo e me comunicando com facilidade, mas aos poucos me integrava mais ao grupo.

Os surdos querem e são vistos quando se colocam à frente do público ouvinte. Eles demonstram com essas atitudes, em meio à sociedade, que lutam pelos seus direitos. “As pessoas surdas, quando engajadas em movimentos surdos, estão lutando pelo direito de se auto representarem como sujeitos culturais” (LOPES, 2004, p.38). Esse movimento é importante para todos, seja para os surdos ou para os ouvintes, pois acreditamos que quanto mais estamos inseridos na comunidade surda, mais nós os aceitamos, mais buscamos entender e praticar a língua de sinais. Isso é, ter empatia, afinidade. Quando nos colocamos no lugar do outro, refletimos sobre o que ele sente e passamos a respeitá-lo.

Mesmo que os surdos possam frequentar todos os lugares que desejam, a falta de acessibilidades a eles, principalmente se mostra quanto à restrição à comunicação. Quando estão em lojas, restaurantes, hotéis, nem sempre encontram pessoas que entendem e que conhecem a língua de sinais. Dessa maneira, talvez

podemos ver isto como falta de reconhecimento aos surdos na sociedade em que vivem. Os surdos precisam de reconhecimento, todos nós necessitamos e buscamos por isso. Todos devem ser 'vistos' na sociedade em que vivem, independente da classe social, da sua limitação, da sua cultura e da etnia. Destaco as palavras de Klein quanto às lutas dos surdos:

A comunidade surda, através de seus movimentos sociais, vem configurando uma história significativa no sentido de construir políticas que atendam às suas especificidades. Para isso, vem participando de diferentes fóruns de debates junto à sociedade em geral e também organizando encontros, seminários, conferências em que discute, reafirma e encaminha suas lutas. (KLEIN, 2004, p.89)

Acredito que muitas vezes, nós ouvintes, podemos olhar para a surdez como uma perda da comunicação, ou talvez, uma exclusão do mundo. Ao participar e se integrar com os surdos, os olhares, pensamentos e conclusões vão se transformando. Notamos pequenas ações na comunicação que são importantes para nós e para eles. Percebi que é significativo quando procuramos nos comunicar com eles, quando nos esforçamos para fazer os sinais, mesmo que sejam gestos ou apontamentos para objetos. Ao menos estamos tentando e demonstrando nossa dedicação e empenho para interagir com a comunidade surda.

Em razão da língua de sinais, reforço que com o surdo é importante a comunicação na sua língua. Deveríamos praticá-la e usá-la para interagir com amigos, colegas e professores. Uma vez que esta língua é a comunicação de uma cultura, ela está inserida neste meio e é importante para aqueles que a usam e necessitam dela para a comunicação (STUMPF, 2004).

Em muitos lugares encontramos a dificuldade dos surdos para se comunicar com os ouvintes a partir de sua língua. Da mesma forma que necessitam da construção de espaços dentro de um território que seja significativo para a educação de surdos, na qual não tenham limitações a eles, mas que tenham expectativas de melhorias na sua educação. Nesses movimentos a favor da educação de surdos que podem promover melhorias, transformações, mudanças nos espaços, é preciso trabalharmos juntos para um aconselhável tratamento e atendimento às suas necessidades, que são sujeitos iguais a todos os outros (SKLIAR, 2013).

Neste capítulo compreendemos que os surdos estão inseridos em diferentes espaços, lugares, associações ou comunidades. Por ser um espaço de grande aprendizado e trabalho direcionado, podemos também classificar como espaços não escolares e que contam com a atuação de um pedagogo. Com todos os obstáculos que encontram diariamente, os surdos unem-se entre eles para cada vez mais demonstrar o quanto podem fazer nos lugares que frequentam. Sigo para meu próximo capítulo, no qual escrevo sobre a função que o pedagogo tem nesse espaço não escolar na comunidade surda.

3 O PEDAGOGO NA COMUNIDADE SURDA: UM ESPAÇO NÃO ESCOLAR

Neste capítulo desenvolvo minhas memórias e discussões diante da função do pedagogo na comunidade surda. Sabemos que é importante o trabalho do pedagogo nesses espaços não escolares que os surdos frequentam. A comunidade surda procura novas experiências e práticas a serem desenvolvidas para novos conhecimentos e aprendizagens. Estas ações muitas vezes são planejadas e aprimoradas pela atuação de pedagogos inseridos na comunidade surda.

A educação tradicional (GIL, 1997; MOREIRA, 2009; MIZUKAMI, 1986) difunde ser importante por ter o professor como o centro, aquele que ensinava os conteúdos, no qual os alunos deveriam prestar atenção para aprender. O professor era visto como um mestre e era respeitado. Todos sentavam em classes enfileiradas, o conteúdo era escrito no quadro negro, os alunos deveriam memorizar os assuntos e aprendê-los. As crianças que demonstravam dificuldade na aprendizagem ou apresentavam alguma limitação não recebiam um olhar sensível e individual do professor para um atendimento especial. Ela era taxada como anormal.

Mudanças e transformações vêm ao encontro da nossa educação frente às novas realidades. O pedagogo passa a ser a ponte entre os alunos e as aprendizagens. Com isso, as crianças começaram a ser vistas como seres importantes, protagonistas de suas aprendizagens. O professor passa a ser um mediador de ensino na sala de aula, um instrutor para as dúvidas e curiosidades. O professor, o pedagogo, o educador, o docente, vem a ser reconhecido como figura fundamental no caminho da aprendizagem da criança.

A função do pedagogo, por vezes, se mostrou limitada diante de suas práticas em sala de aula e até fora da sala. Para os surdos também o espaço de educação era restrito à escola, e, nesses espaços, muitas vezes, eram excluídos. Por isso, as associações se fortaleceram, mesmo porque depois da idade escolar, onde os surdos poderiam se encontrar? Com o passar do tempo, a educação veio a ser moldada com uma nova forma de trabalhar e pensar.

À vista disso, as políticas educacionais procuram apoiar e amparar a todos, considerando as diversidades e respeitando as diferenças, como afirma Lunardi (2004). Também destaco Lopes (2004, p. 33) ao afirmar que “Criamos saberes e pedagogias que permitem trabalhar com diferentes sujeitos na tentativa de resgatar a condição humana que lhes constitui: a educabilidade”.

Considerando que o pedagogo teve uma grande trajetória para chegar onde está hoje, é importante ressaltar que além dele ser um intermediador na sala de aula, está inserido em outros diferentes espaços, fora dos muros escolares. Nos espaços não escolares os profissionais da Pedagogia também podem desenvolver projetos, oficinas e práticas, sejam eles em atendimentos individuais ou coletivos para melhor auxiliar seus alunos nas atividades. Todas essas ações necessitam de planejamento, de uma metodologia a ser trabalhada e desenvolvida. Trago a citação de Moura e Zuchetti que contemplam este processo.

Se, no espaço da escola, esta relação se explicita por meio da presença e do papel do professor, do currículo escolar, por exemplo, no campo social, embora mais diluída, ela também se manifesta através da presença de marcadores específicos tais como metas, metodologias, técnicas, processos de avaliação e acompanhamento, impacto social, etc. (MOURA; ZUCHETTI, 2006, p. 231)

O pedagogo está diretamente inserido nas oficinas realizadas na comunidade surda, proporcionando-lhes auxílio nas tarefas e oportunidades que surgem aos surdos. Sendo assim, compreendemos que a educação de surdos também pode estar ligada à atuação do pedagogo. Lembro que nessa comunidade que frequentei, o pedagogo estava à frente de muitas intervenções pedagógicas. Na atividade realizada no parque, estávamos sentados em círculo e os surdos faziam sinais para a comunicação. Como estagiária, eu não estava fluente na língua, mas tive o apoio do pedagogo que mediou a conversa para que todos entendessem o que queríamos conversar.

Depois dos primeiros momentos, já me senti mais descontraída. Os surdos pediam para eu interagir com eles, para eu tentar fazer alguns sinais, e afirmaram que se eu não soubesse como fazer, eu poderia soletrar para que eles então pudessem me auxiliar. Recordo que uma moça chamou minha atenção, pedindo para que eu não deixasse esse contato “morrer”, de ouvintes com surdos, mas sim ficasse atenta aos eventos, práticas e comemorações para então participar junto deles. Para ela é muito importante que os ouvintes cheguem até a comunidade surda ou se aproximem dos surdos, sem ter vergonha, mas que tenham o intuito de tentar conversar fazendo os sinais e interagir para demonstrar reconhecimento.

Naquele dia o pedagogo ficou atento aos meus sinais e dos surdos para que ele pudesse nos auxiliar nesse “bate-papo”. Em momentos de dúvidas, o pedagogo estava disposto a demonstrar novamente o sinal ou explicar de que forma eu poderia me comunicar com maior facilidade. Usei muito o recurso de soletrar as palavras, pois o alfabeto em libras eu conheço, tenho compreensão e facilidade em fazer.

Sinto, por vezes, insegurança em fazer ou até em ao procurar entender melhor a língua de sinais. Talvez, por não ser algo fácil desenvolver a habilidade linguística de compreender rapidamente determinados sinais, aqueles que menos usamos acabam sendo esquecidos. Geralmente, a busca pelo entendimento e assimilação da língua de sinais acontece quando vamos receber um aluno surdo ou porque um emprego exige como complemento. Mas dificilmente nos preparamos sem ‘motivo’, sem ter certeza que vamos utilizar essa língua em algum lugar ou situação.

Por isso, reconheço que a minha atitude foi diferente nesse aspecto, pois quando conheci a língua de sinais numa disciplina da graduação, me interessei e procurei cursar um módulo oferecido pela associação de surdos. Quando eu estava prestes a iniciar a prática do estágio, lembrei do quanto eu poderia me esforçar para entendê-los. É importante destacar que ao discutirmos a língua de sinais no âmbito escolar e não escolar, “[...] marca-se o entendimento que a língua é um sistema social e não um sistema puramente individual, ela se dá culturalmente numa construção coletiva” (GIORDANI, 2004, p.117).

Lembro que na roda de conversa muitos surdos relataram quantas dificuldades tiveram quando eram crianças. As escolas “nunca” tinham vagas para atendê-los. Mas eles precisavam ir à escola. De acordo com o Artigo 205, da Constituição Federal (1988, p. 144) “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Conversando com a mãe de uma das participantes da associação, me emocionei imaginando, enquanto ela comentava o quanto teve que lutar para a escola aceitar sua filha. Relembrava a mãe, dizendo que se sentia perdida, por não conseguir colocar sua filha em uma escola do seu município.

Percebemos que algumas escolas se empenham mais do que outras para atender seus alunos pelas diferenças e principalmente para os incluir no meio escolar. Embora não posso afirmar que, nossa realidade, a aceitação de matrículas para os surdos está totalmente resolvida. Ainda encontramos a falta de opção de escolas ou de profissionais intérpretes que atuam com os surdos, que tenham conhecimento e entendimento da língua de sinais.

De acordo com a lembrança dessa mãe, dificilmente se encontrava intérpretes para o trabalho nas escolas, muito menos professores para atender os surdos ou fluentes na língua de sinais. Segundo Pires e Nobre (2004), o intérprete tem a função de interpretar e traduzir atividades ligadas à escola, a palestras e demais eventos que os surdos frequentam. Mas, também é importante citar que o professor compreenda a língua de sinais e também consiga se comunicar com seus alunos surdos. Caso contrário, é difícil a compreensão de conteúdos e conhecimentos.

O pouco preparo para atender os alunos surdos nas escolas, muitas vezes, reflete na negação de vaga diante de desculpas, do tipo: “estamos com a escola lotada”, “não há professor para tantos alunos”. Mesmo com a falta de profissionais intérpretes responsáveis e adequadamente dispostos a trabalhar com os surdos, seria melhor nos depararmos com escolas que tentassem atendê-los. Ou, que tenha profissionais que desejem entender a língua de sinais e busquem conhecer a realidade dos surdos. Percebemos a dificuldade no entendimento dos profissionais

quanto à língua de sinais, dessa maneira excluindo os surdos - mesmo que essa não seja a nossa vontade.

Desse modo, podemos pensar que os processos de in/exclusão fazem parte da nossa vida social e do sistema educativo. Não há como evitar a ambivalência presente nas relações sociais e de aprendizagem que vivenciamos diariamente. O que cabe à Pedagogia, nesse caso, é partir desses processos de in/exclusão para criar e organizar estratégias que percebam as questões individuais e de grupo, que permeiam o processo de aprendizagem, e utilizá-las a seu favor, seja como pistas para estudo e pesquisa, seja como produção de práticas pedagógicas que tensionam permanentemente os processos de ensino e aprendizagem implementados em sala de aula. (KLAUS; HATTGE, 2014, p.330)

Quando as autoras Klaus e Hattge (2014, p.330), comentam sobre a in/exclusão, afirmam que “[...] os processos de in/exclusão na escola têm sido marcados pela “inclusão excludente” ou pela “discriminação negativa”. Nos dias atuais, encontramos situações onde os alunos que deveriam ser incluídos para atendimentos da Educação Especial, são inseridos na escola regular, deixando de levar em conta as dificuldades e limitações vistas no aluno.

A autora Klein (2004), também se refere à inclusão/exclusão nas sociedades modernas e individualistas como as nossas. A autora compreende que as diferentes integrações dos indivíduos no meio social, auxiliam para que todos possam ser incluídos em algumas situações e em outras, excluídas. A inclusão se torna sempre mais uma preocupação diária nos espaços escolares e não escolares.

Em busca de bons resultados, os alunos são acompanhados por professores responsáveis para seguir uma educação potente nesse meio inclusivo. Da mesma maneira se trata a educação de surdos. Há uma grande dificuldade durante a inclusão dos surdos no meio escolar regular, pois encontramos poucos intérpretes aptos a atendê-los e auxiliá-los. Assim sendo, muitas vezes recebem o suporte fora do âmbito escolar.

O acesso às escolas é direito de todos, independente das limitações. Especialmente pensando na educação de surdos, destaco o posicionamento de Karnopp (2004) que acredita ser necessário existir instituições de ensino com acesso próprio para os surdos, escolas específicas para surdos, onde tenha professores surdos e/ou ouvintes que sejam fluentes na língua de sinais. Admite, que seria uma melhor forma de auxiliá-los, abrindo espaços aos surdos

participantes, cidadãos na escola ou fora dela. Essas escolas poderiam oportunizar acompanhamento de intérpretes em algumas práticas e atividades que fossem necessárias, em razão da língua de sinais dos surdos.

Ao longo das conversas, relatos e observações sempre mais era visível a dedicação, o envolvimento dos surdos para realizar as práticas junto com os profissionais que nessa associação atuam. Os encontros sempre muito bem elaborados para que pudessem aproveitar cada momento. Lembro, do momento em que eu trouxe um mural elaborado em prol do mês “Setembro Azul”. Naquele pedaço de TNT, muitas letras em libras, sinais e fotografias, demonstravam meu respeito diante da comunidade surda e desse movimento que é lembrado no mês de setembro.

Por qual motivo existe esse movimento? Segundo o pedagogo, esse mês foi escolhido para repensar nas lutas, comemorando a acessibilidade e as diversas conquistas da comunidade, sendo esse momento de busca por mais espaços e instituições com a língua de sinais. Quanto à cor azul, quem me explicou foi um dos surdos da comunidade. A história não é muito feliz, mas relata que durante a Segunda Guerra Mundial, aqueles que tivessem alguma deficiência levavam uma marcação azul no pulso, uma faixa, para identificá-los ‘anormais, inferiores’. Portanto, a cor azul ficou simbolizando essa luta que os surdos enfrentaram naquele tempo.

Por isso, ao trazer um mural com possibilidade para essa reflexão, recordo que levou algumas pessoas que estavam ali para ajudar a fixá-lo, enquanto outros passavam as mãos sobre os sinais que eu havia colocado selecionado para estar exposto, refazendo a frase com suas próprias mãos. Lembro claramente que o mural foi motivo para muitos ‘flashes’ e agradecimentos por parte dos surdos pelas frases em libras usadas no mural.

A partir de todas as minhas observações percebo o quanto é importante ter um pedagogo que tome a frente nas atividades: que faça observações diante das aprendizagens que os surdos têm, o desenvolvimento deles desde que iniciam o acompanhamento pedagógico. Dessa maneira, se terá um cuidado do que está progredindo ou não. Essas, e as demais práticas realizadas pelo pedagogo, eu

abordarei no próximo capítulo, nas propostas e nos planejamentos que são realizados na comunidade surda. É como uma parceria entre os surdos, os pedagogos e demais profissionais. O envolvimento entre eles é único e é elogiável.

4 ATIVIDADES REALIZADAS COM A COMUNIDADE SURDA

Neste capítulo escrevo sobre algumas atividades que são proporcionadas para os surdos como possíveis práticas que são desenvolvidas na associação ou fora dela. Pensando no trabalho que foi desenvolvido, diante da atuação do pedagogo, sabemos que sua função nos espaços não escolares é importante, suas habilidades e diferentes competências abrangem um conjunto de possibilidades, que pretendo analisar com um olhar pedagógico.

Diariamente, na associação, o pedagogo está inserido nos espaços não escolares que os surdos frequentam. Como já sabemos, os diferentes espaços que ele pode atuar são importantes para seu próprio crescimento, como também para aqueles que frequentam esses espaços. Na comunidade surda desenvolvi diferentes práticas com os surdos. Eu lembro que quando eu chegava até a associação com materiais, os surdos ficavam curiosos, talvez imaginando o que seria possível realizar com todos aqueles itens. Parece de praxe o pedagogo estar lotado de materiais, de um lado para o outro. Não foi diferente durante as minhas práticas. Eu ficava ansiosa para trabalhar com eles e um pouco insegura quanto ao desenvolvimento das atividades, em relação às explicações que deveria dar e as dúvidas que eles poderiam ter.

Após apresentar o mural do setembro azul, coloquei na mesa materiais como farinha, óleo, água, sal, corantes, colheres, bacias, xícaras, etc. A proposta seria fazer a massa de modelar caseira e comestível. Quando foi dito isso, os rostos não disfarçaram a reação. Logo chamei-os para mais perto, iniciei, apresentando os ingredientes e após a quantidade de cada um. Atentos os olhares em mim, curiosidade e mão na massa. Esse ‘mão na massa’ caiu muito bem pra mim. E, para eles? Além das mãos serem essenciais para a comunicação, demonstraram gostar

de amassar aquela mistura. Quando queriam comentar algo, largavam a massa e após continuavam.

A atividade proposta era com o intuito deles construírem algo que os fizesse feliz, algo que gostavam para que pudéssemos a partir disso discutir, comentar, lembrar o que os fazia feliz. Essa tarefa durou mais tempo do que eu esperava, mas as construções foram significativas: apresentaram para os demais comentando o porquê de suas escolhas.

Ao estarmos longe da comunidade surda, das associações, dificilmente pensamos que algumas propostas podem dificultar para eles o manuseio. Mesmo sabendo que a comunicação deles seja com as mãos, não lembrei que iriam querer comentar algo durante a prática. Para aquela manhã, uma lista de atividades estava pronta para ser realizada. Dentre elas, práticas que estavam ligadas às sensações, sentimentos, atenção e concentração com a ação do próximo.

Demonstraram vontade de ter momento para o “bate-papo” após finalizar a massa de modelar. Foi visível que a vontade deles era conversar. Deixei-os à vontade para isto, pois esse momento também era importante para eles, quanto para mim. O meu vocabulário com sinais foi aumentando, buscavam objetos e faziam o sinal para que eu os compreendesse com maior facilidade.

Esse movimento de interação e de conversa com os surdos me fez crescer como ser humano e como profissional. Os sensíveis olhares, as fortes personalidades dos surdos, fizeram de todas as minhas práticas, momentos importantes e únicos. O pedagogo que nessa comunidade está envolvido, atuando e planejando diferentes atividades, foi também um dos mais observados por mim. Com o passar do tempo, percebi que ele tratava de tudo com muita paciência e respeito aos surdos, tinha iniciativa, como aquelas que mencionei e outras tantas que não cheguei a conhecer. Ele demonstrou a mim estar realizado profissionalmente e feliz por estar em meio aos surdos. Muitas vezes meus olhos se voltaram ao amor que aquele profissional demonstrava diante dos surdos e das práticas que organizava e planejava com eles.

Participei de um evento no qual também foi o pedagogo quem planejou e realizou as atividades com os surdos. Empenhava-se no que era preciso. Junto com

a diretoria que a associação possui, organizaram esse evento com o maior cuidado e cautela. Naquele sábado de setembro, dentro de uma quadra de futsal, o pedagogo auxiliava os mandados do juiz, membro importante para um jogo de futebol. Em momento algum pensei nessa possível prática, da mesma forma que não havia imaginado os surdos jogando um esporte, no qual o um juiz ouvinte era quem comandava. Certamente não eram os apitos que soavam naquela quadra, mas sim as trabalhosas mãos que seguiam com sinais para eles.

Durante aquela manhã socializei e observei a interação dos surdos que vinham de outras cidades e estados. Ante todas as minhas práticas e análises é possível perceber que a interação entre eles é umas das propostas mais impressionantes. Os surdos demonstraram gostar de estar junto de outros surdos, por reforçarem a sua cultura, aprenderem sinais diferentes deles usados nas suas regiões. Estes momentos de socialização são importantes para melhor conhecê-los.

Nem sempre é preciso manter os surdos cheios de atividades, mas também proporcionar experiências, conhecimentos e socialização. Aos poucos vamos percebendo que existem outros pontos importantes, assim como senti quando estava em meio às práticas realizadas com eles. O diálogo foi o que mais pediam e fazia desse espaço o mais proveitoso. Embora seja possível proporcionar diferentes atividades.

Uma das muitas atividades foi “o telefone sem fio”. Esta é uma brincadeira em que aquele que irá repassar a mensagem fica de frente para o próximo, de olhos atentos, comunicando a mensagem a transmitir. E assim seguem, um a um, até chegar ao último que irá dizer para o grande grupo o que o primeiro falou. Aquele que foi o primeiro afirma ou não se a mensagem está correta.

Outra foi a “mímica de sinais”. Uma pessoa escolhe o que irá fazer e os demais precisam acertar. Sendo assim, quem souber poderá levantar a mão e então dizer o que acredita ser. As atividades e brincadeiras só precisam ser moldadas para fazer os sinais na troca da fala oral, porém isto não é um empecilho para nós pedagogos e nem para os surdos.

Analisando as minhas práticas, percebi que existem poucas restrições para trabalhar com os surdos. Podemos proporcionar diferentes atividades em que as

experiências auxiliam no desenvolvimento de algum objetivo. Os sons podem ou não ser complementos que fazem diferença para quem escuta um pouco. Mas para quem não tem nenhuma porcentagem auditiva, não deixamos de realizar trabalhos que possibilitem aprendizagens. Não é por serem surdos que deixarão de aprender e entender. Estar em meio aos surdos nos dá a reflexão da capacidade que eles têm, do interesse, da força de vontade pela aprendizagem, pelos conhecimentos, pela socialização e interação.

5 MARCAS E OLHARES À COMUNIDADE SURDA: HORIZONTES QUE SE AMPLIARAM

A linguagem possui papel essencial na percepção do outro, é através do diálogo que o outro se manifesta para mim e nele posso me perceber. Nossos atos e pensamentos se confrontam e assim surdos e não surdos constroem sua história neste mundo.

(MARQUES, 2008, p. 98)

Este trabalho me leva a destacar que os surdos estão buscando por seus direitos na inclusão social. A pesquisa realizada teve como tema observar a atuação do pedagogo na comunidade surda, em que pude constatar que é um dos principais profissionais que está incluído diariamente nas práticas realizadas junto à sua associação.

Não bastou-me observá-los de fora: ao receber a oportunidade de vivenciar momentos junto a eles não pensei duas vezes. As práticas pedagógicas e as disciplinas cursadas durante a minha formação inicial me motivaram a conhecer e pesquisar sobre a comunidade surda, pois as disciplinas que realizei na graduação de Pedagogia, me levaram a esses espaços. Minha curiosidade pelo trabalho do pedagogo nos espaços não escolares me instigou a conhecer mais do que é desenvolvido fora da escola.

Os surdos muitas vezes não são reconhecidos na sociedade. Eles são vistos quando buscam por ensino em instituições que os aceitem. Refletir sobre as ações diárias é um ato importante para nos tornar seres melhores. Sendo assim, o desafio maior estava na nossa comunicação. Logo, tornou-se uma ferramenta importante entre nós.

Para me amparar e responder ao problema de pesquisa, dividi a questão central em alguns objetivos específicos, que me auxiliaram a aprofundar os processos analisados: a) investigar os espaços não escolares que os surdos frequentam, para a sua formação ou lazer; b) analisar a atuação do pedagogo nos espaços não escolares da comunidade surda; e, c) conhecer as atividades que são realizadas com a comunidade surda e analisá-las. A seguir comento cada um deles.

Com relação ao primeiro objetivo específico foram necessárias leituras dos autores: Zucchetti e Moura (2003, 2006), Karnopp (2004), Lopes (2004), Klein (2004), Stumpf (2004) e Skliar (2013), os quais me auxiliaram a desenvolver e entender que os espaços não escolares estão sempre mais amplos. Para atender os surdos, cegos, idosos e crianças, como também dar um suporte à família do usuário que frequenta esses espaços, encontramos diferentes formas de apoio nesses espaços. Sabemos que as associações e comunidades surdas saem dos padrões escolares, das tarefas e normas que a escola visa, como necessária para aprender. Percebi com a pesquisa que os surdos não se encontram somente nessas associações, mas também em praças, clubes, parques, espaços nos quais realizam suas práticas e descontração com muito diálogo e ações de lazer.

O segundo objetivo específico é baseado nas leituras dos autores: Lunardi (2004), Lopes (2004), Zucchetti e Moura (2006), Giordani (2004), Pires e Nobre (2004), Klaus e Hattge (2014), Klein (2004) e Karnopp (2004). De acordo com a leitura desses autores e com a minha vivência na comunidade surda, encontrei muitas respostas diante da atuação do pedagogo.

Anteriormente, ele se encontrava somente em escolas, em salas de aula. Assim, com a educação não escolar, os pedagogos saem dos muros escolares e demonstram a importante atuação que podem ter na sociedade. Percebi que desenvolvem projetos, práticas e ações muito importantes e necessárias em nossa sociedade. Nessa comunidade, encontrei um pedagogo que planeja, que tem metodologias para suas práticas, que auxilia todos os surdos na aprendizagem de sua linguagem, na comunicação entre surdos e ouvintes, dentre outras tarefas que cabem a ele. Esse apoio envolvente é satisfatório quando percebemos a dedicação e a força que ele tem diante dessa turma.

A respeito do terceiro objetivo específico realizei leituras também baseadas nos autores citados acima. Com todos esses conhecimentos e posicionamentos em relação às ações junto à educação e comunidade surda, entendemos o quanto é válido realizar atividades e práticas com os surdos. Durante minhas ações, observei que as atividades planejadas pelos pedagogos para as atividades com os surdos não necessitam de restrições, mas sim de engajamento, responsabilidade e paciência para adequar as brincadeiras e atividades próprias para eles desenvolverem.

As disciplinas e as práticas desenvolvidas no curso de Pedagogia nos proporcionam momentos de aprendizagem que nos auxiliam a ter um olhar mais amplo para a educação, nos oferecem espaços que nos desafiam, nos colocam à frente de novas possibilidades educativas. Todas essas ações pedagógicas realizadas nas disciplinas deveriam ser mantidas, para que sempre mais tenhamos como profissionais da educação, novas experiências e desafios importantes para que nossas observações e posicionamentos amadureçam diante dos espaços não escolares.

Finalizando a pesquisa, estou convencida de que tive muitas oportunidades enquanto acadêmica de Pedagogia. Tive a oportunidade de conhecer a associação de surdos, na qual a comunidade surda está presente, buscando por seus ideais e por reconhecimento na sociedade ouvinte.

Vivenciar, juntamente com os surdos, as diferentes práticas, eventos, diálogos se tornaram possíveis para realizar esta pesquisa. O excelente trabalho que é realizado com a comunidade surda, se torna mais interessantes quando estamos ali juntos, participando das atividades desenvolvidas na associação. Nos tornamos mais observadores quanto às competências, habilidades, como também quanto às contrariedades e contratempos que vivencia a comunidade surda. A pesquisa foi envolvente, diante das minhas marcas e olhares à comunidade surda. Esses saberes se tornaram referências e foram importantes para me tornar um humano mais digno, mais pensante e comprometido com as práticas educacionais.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Rodrigo. **Emoções e pesquisa narrativa**: transformando experiências de aprendizagem. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Santa Cruz, 2008, v.8, n.2. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/03.pdf>> Acesso em: 31 out. 2017.

BARBIER, Renée. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. p. 03 - 36. Disponível em: <<http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/acervo/capitulos/BARBIER%2C%20Rene.%20A%20Pesquisa%20Acao.rtf/view>> Acesso em: 14 nov. 2017.

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. **LIBRAS - Lei Federal**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 02 nov. 2017.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. Conselho Nacional de Assistência Social. **SUAS Sistema Único da Assistência Social “Modo de usar”**. Brasília, dezembro de 2017. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/cnas/capacitacao-e-boas-praticas/arquivos/cartilha-dos-usuarios-do-suas.pdf/download>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior**. 3ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1997.

GIORDANI, Liliane Ferrari. Letramentos na educação de surdos: escrever o que está escrito nas ruas. In: THOMA, Adriana da Silva. Lopes, Maura Corcini (Org). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Rio de Janeiro, v. 14, p. 27-38, 2006. Disponível em: <<http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/30405.pdf>> Acesso em: jun. 2018.

HATTGE, Morgana Domênica; KLAUS, Viviane. **A importância da pedagogia nos processos inclusivos**. Revista Educação Especial. Santa Maria, 2014. V.27, n.29, 327-340 p. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>> Acesso em: 30 out. 2017.

KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais na educação de surdos. In: THOMA, Adriana da Silva. Lopes, Maura Corcini (Org). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

KLEIN, Madalena. Cultura surda e inclusão no mercado de trabalho. In: THOMA, Adriana da Silva. Lopes, Maura Corcini (Org). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos**: inquietações e buscas. Curitiba: Ed da UFPR, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>> Acesso em: 10 out. de 2017.

LOPES, Maura Corcini. A natureza educável do surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos. In: THOMA, Adriana da Silva. Lopes, Maura Corcini (Org). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LUNARDI, Márcia Lise. EDUCAÇÃO ESPECIAL: institucionalização de uma racionalidade científica. In: THOMA, Adriana da Silva. Lopes, Maura Corcini (Org). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MARIANI, Fábio; MATTOS, Magda. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Revista Educação Pública. Cuiabá, 2012. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1766>> Acesso em: 01 nov. 2017.

MEDINA FILHO, Antonio Luiz de. **Importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social**. Rio de Janeiro: Psicologia & Sociedade, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/03.pdf>> Acesso em: 16 nov. 2017.

MINAYO, Maria C. de S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014. 408 p.

MOURA, Eliana; ZUCHETTI, Dionora Tereza. **Explorando outros cenários: educação não escolar e pedagogia social**. Educação Unisinos, 2006. Disponível em: <<https://flautas.files.wordpress.com/2010/10/explorando-outros-cenarios-educacao-nao-escolar-e-pedagogia-social.pdf>> Acesso em: 21 out. 2017.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. **Educação não escolar e universidade: interlocuções para novas questões**.

FEEVALE, 2003. Disponível: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06-3417-int.pdf>> Acesso em: 30 out. 2017.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de aprendizagem**. 3. ed. São Paulo: EPU, 2009. Disponível em:

<<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1018611>> Acesso em: jun 2018

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOREIRA, Marco A; ROSA, Paulo R. **Pesquisa em ensino: Métodos qualitativos e quantitativos**. Porto Alegre, 2016. Disponível em:

<<https://www.if.ufrgs.br/~moreira/Subsidios11.pdf>> Acesso em: 10 out. 2017.

PAIVA, Vera Lúcia M. O. e. **A pesquisa narrativa: uma introdução**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. UFMG, CNPq, FAPEMIG. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/01.pdf>> Acesso em: 01 nov. 2017.

PAIVA, Vera Lúcia M. O. e. **Aquisição e complexidade em narrativas multimídia de aprendizagem**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. UFMG, CNPq, FAPEMIG, 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/01.pdf>> Acesso em: 01 nov. 2017.

PIRES, Cleidi Lovatto; NOBRE, Maria Alzira. Uma investigação sobre o processo de interpretação em língua de sinais. In: THOMA, Adriana da Silva. Lopes, Maura Corcini (Org). **A invenção da surdez: cultura, alteridade,**

identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SKLIAR, Carlos. **A surdez um olhar sobre as diferenças.** 6. ed. Porto Alegre; Mediação, 2013.

STUMPF, Marianne Rossi. Sistema Signwriting: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMA, Adriana da Silva. Lopes, Maura Corcini (Org). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.